

**A MARCA DO ANJO: A TRAJETÓRIA DE ZUZU ANGEL E O DESENVOLVIMENTO DA
IDENTIDADE VISUAL DE SUA GRIFE**

*THE TRADEMARK OF THE ANGEL: ZUZU ANGEL'S LIFE AND THE DEVELOPMENT OF THE
VISUAL IDENTITY OF HER BRAND*

Priscila Andrade

Formada na Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi-Uerj) no fim dos anos 90. Formou-se também em moda na UVA. Na PUC-Rio, especializou-se em História da Arte e realizou dissertação de mestrado em *design* sobre o trabalho de Zuzu Angel. Atualmente, é professora de Desenvolvimento de Padronagem e Identidade Visual no Bacharelado em Design de Moda do Senai-Cetiqt e de Comunicação Visual na Pós-Graduação em Produção de Moda da UVA. Além disso, é sócia da Zellig, estúdio que desenvolve trabalhos em *Design* Gráfico e de Moda.

<priscila.a.andrade@gmail.com>

RESUMO

A vida pessoal de Zuzu Angel é marcada por eventos trágicos, enquanto a vida profissional é reconhecida como uma carreira de sucesso tanto no Brasil como nos EUA. Por unir numa mesma trajetória dois caminhos tão distintos, esse assunto desperta muito interesse. Já existem tentativas de investigar e apresentar o momento em que a sua trajetória de vida se mistura a história política de nosso país. Por esse motivo, a abordagem deste artigo busca apresentar Zuzu Angel por uma faceta ainda pouco explorada: como *designer* de moda. Para analisar sua produção é preciso contextualizá-la. Portanto, mostramos aqui os principais momentos de sua trajetória, sobretudo o fato de ela ter sido uma das primeiras *designers* de moda brasileira com uma carreira internacional. O resultado exposto neste trabalho é fruto de pesquisa realizada em diversas fontes de informação, como entrevistas, análise do acervo disponibilizado pelo Instituto Zuzu Angel e periódicos.

Palavras-chave: Zuzu Angel; identidade visual; design; marca.

ABSTRACT

The life of Zuzu Angel is marked by tragic events and it is also recognized as a successful career in Brazil and the U.S. By putting together two distinct paths, this issue arises much interest. There have already been some attempts to investigate and indicate the moment the trajectory of her life gets mixed with the political History of Brazil. For this reason, the approach of this article introduces Zuzu Angel from an aspect rarely explored: as a fashion designer. To study her production, it is necessary to put it into context, and therefore present the key moments of her life, especially the fact that she was one of the first Brazilian fashion designers to have an international career. The result here presented is the fruit of research conducted in several information sources such as interviews, the analysis of collections housed at Instituto Zuzu Angel and the study of periodicals.

Keywords: Zuzu Angel; visual identity; design; brand.

Mater dolorosa

O filho de Zuzu Angel, Stuart Angel Jones, era militante do MR8, um dos movimentos de resistência à ditadura, o que o levou a viver na clandestinidade e transformou-o em uma das muitas vítimas do regime militar. Em 1971, ele foi preso, torturado e morto nas dependências do Centro de Informações da Segurança da Aeronáutica -- Cisa, na Base Aérea do Galeão (Green, 2004). Stuart, na época com 26 anos, seria o responsável por ajudar Carlos Lamarca a fugir para a Bahia. Zuzu procurava notícias sobre seu paradeiro havia algum tempo e, então, começou a receber diversas informações contraditórias sobre sua prisão, tortura e assassinato. A polícia e as forças armadas afirmavam que o cidadão acusado de atividades subversivas contra o governo estava solto. Mas após algumas idas e vindas, ela já sabia que ele estava preso. Finalmente, a suspeita de que estava morto foi confirmada ao receber uma carta de Alex Polari de Alvarenga, que esteve preso no mesmo quartel que Stuart. Alex foi testemunha da tortura cometida contra o filho de Zuzu, e na carta descreveu o assassinato.

Zuzu usou todos os meios que dispunha para denunciar os crimes cometidos pela ditadura. Já consagrada como *designer*, usou sua moda como estandarte de batalha. Ela tornou-se porta-voz de outras mães que tiveram filhos presos ou assassinados, uma precursora das mães da Praça de Maio, como descreveu Zuenir Ventura.

O pai de Stuart, Norman Angel Jones, era um canadense naturalizado americano e seu tio-avô era chefe da corte suprema em Nova York. Esse foi um dos motivos que levou Zuzu a acreditar que, através de um protesto realizado nos EUA, conseguiria aliados que poderiam interceder por ela junto às autoridades brasileiras. Em um depoimento a um jornal dos EUA, disse que nem ela e nem seus parentes americanos poderiam ser impedidos de tentar descobrir se Stuart estava vivo, ou onde ele estaria enterrado (*Fort Lauderdale News*, September 25, 1971). Zuzu Angel dizia querer o mínimo que uma mãe poderia pedir. Queria saber se o seu filho estava mesmo morto e queria receber seu corpo.

Seu comportamento relevante e desafiador desagradava a elite militar. Em abril de 1976, sua história ganhou um desfecho ainda mais trágico. Zuzu morreu num forjado acidente de carro, na saída do túnel Dois Irmãos, hoje túnel Zuzu Angel. Desde o primeiro momento, suspeitou-se de assassinato e com o retorno da democracia, o governo assumiu a culpa, embora os culpados diretos nunca tenham sido apontados.

Já existem algumas tentativas de investigação sobre a sua biografia como: o livro *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho* (Valli, 1987), o episódio de televisão o *Caso Zuzu Angel* (episódio do programa *Linha Direta*, exibido pela Rede Globo em 27 de novembro de 2003) e o longa-metragem *Zuzu Angel*, dirigido por Sérgio Rezende e lançado em 2006. Essas narrativas focam, principalmente, a trajetória política dessa mãe sofredora e, assim, reforçam a glorificação de um mito¹ que se aproxima muito mais da construção de uma heroína romântica do que da elucidação de uma rica e multifacetada personalidade, mais complexa e interessante que uma personagem de fábula.

Ao me indagar como era possível unir numa mesma trajetória dois caminhos tão distintos, a pergunta "*Quem é essa mulher?*", que se repete na letra da música *Angélica*, (composta por Chico Buarque / Milton em 1977) que Chico Buarque fez em sua memória, também era meu questionamento. Diante da quase inexistência de publicações com registros

e análises de suas criações, constatou-se que um estudo sobre a produção de Zuzu Angel era relevante para que se pudesse comprovar sua colaboração para a moda brasileira.

Trajetória profissional

Zuleika de Souza Netto nasceu em 1921, em Curvelo, interior de Minas Gerais. Na década de 1940, portanto na juventude de Zuzu Angel, durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), a comunicação com a Europa, que era a maior referência para nossa cultura, estava bloqueada. Tal fator contribuiu para uma maior inserção da influência americana. O cinema de Hollywood exibia musas como Ingrid Bergman, Lauren Bacall, Rita Hayworth e Katherine Hepburn, e estas se tornaram referência para as brasileiras, com um modelo de comportamento feminino mais autoconfiante. Embora o cinema americano já fosse bastante forte, até pelo menos o começo da 2ª Guerra Mundial, a Europa, principalmente Paris, era o modelo seguido pelas costureiras brasileiras. É também nessa primeira metade dos anos 40 que Carmem Miranda fez sucesso em Hollywood.

Zuleika era taquígrafa em inglês e, em 1943, casou-se com Norman Angel Jones, que veio ao Brasil a serviço do governo americano para comprar cristal de rocha. Ela o conheceu na casa de um tio que era uma espécie de intermediário de cristais. Depois do casamento, o casal foi morar em Salvador, onde, em 1946, nasceu seu primeiro filho, Stuart Angel Jones. Em 1947, a família se mudou para o Rio de Janeiro, onde nasceram as duas filhas, Ana Cristina e Hildegard Beatriz.

Iniciou a sua carreira em 1957, já usando o nome Zuzu Angel. E, mesmo após se separar do marido, em 1960, e o desquite, em 1970, Zuzu manteve o sobrenome Angel, que praticamente, desde o início, foi nome de sua marca, com frequência associada ao desenho do anjo.

Começou fazendo roupas sob encomenda e desenvolveu uma pequena linha de peças prontas, inicialmente só de saias. O *prêt-à-porter* começava a se firmar no Brasil e ela já era notada por sua produção. Nessa época, ficou conhecida como Zuzu Saias. Essa aceitação fez com que passasse a oferecer outros itens, para propor um conjunto completo de roupas e

acessórios para suas clientes.

Melhor seria chamarmos essa produção inicial de um *prêt-à-porter* incipiente, pois era feito artesanalmente e em pequena escala. Zuzu trabalhava em casa, inicialmente sozinha e, depois, com duas ajudantes de costura. Ela participava na execução de todas as etapas, desde a modelagem, passando pelo corte até a confecção das peças. Produzia saias e blusas em modelos que não variavam muito. As saias, normalmente em brim liso ou estampado, podiam ser enfeitadas com fitas, galões ou botões. As blusas eram em cambraia, em tons pastéis.

Com base nessa descrição, parece-nos que nessa fase seu trabalho está mais próximo de uma produção artesanal, pois segundo a definição tradicional, o artesanato se diferencia do *design* na medida em que neste último o objeto projetado é produzido por outras mãos, de preferência mecanicamente e em série (Denis, 2000, p. 17).

É importante ressaltar, aqui, que Zuzu oferecia uma pequena linha de roupas prontas para um nicho de mercado que se formava, e isso servia como atrativo e divulgação de seu trabalho sob encomenda. Sempre muito bem relacionada, Zuzu Angel possuía diversas clientes da alta-sociedade. Faziam parte desse grupo, Amélia Teófilo de Azevedo, Márcia Kubitschek, a sra. Hugo Borghi, D. Ema Negrão de Lima, Teresinha Veiga Brito e Cristina Bebiano. Algumas destas foram citadas por Nina Chaves na coluna *Elegantes* (*O Globo* 6 de agosto de 1966).

Um dos fatores que colaborou para que Zuzu conseguisse essa boa clientela foi indiretamente a presidência de Juscelino Kubitschek (1956-1961). JK era mineiro, e quando foi eleito presidente mudou-se de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil. Como era de se esperar, JK trouxe para trabalhar com ele seus amigos e conterrâneos. Uma tia de Zuzu, a esposa do tio que trabalhava com cristais, era grande amiga de Dona Sarah Kubitschek, e o casal também se mudou para a capital federal. Dona Sarah foi uma primeira-dama de participação muito ativa no governo. Ela fundou a *Obra das Pioneiras Sociais*, um grupo de senhoras que se reunia para produzir uniformes para meninos e meninas carentes. O Rio de Janeiro se tornou, então, um ambiente mais familiar para Zuleika que entrou para esse grupo.

Em 1967, Zuzu Angel conquistou duas clientes que foram particularmente importantes para o seu reconhecimento pelo mercado americano. A atriz Kim Novak, (figura 1) que foi levada ao ateliê por Jorginho Guinle (*O Globo*, 14 de novembro de 1967) e retornou para Hollywood com três peças de Zuzu. E, a atriz Joan Crawford, que veio ao Brasil inaugurar uma fábrica da Pepsi-Cola, da qual era presidente. Segundo Hildegard (em entrevista à autora em 5 de outubro de 2005), Zuzu telefonou para Joan Crawford, que estava hospedada no Copacabana Palace, convidando-a para conhecer seu ateliê. Zuzu falava inglês muito bem e já tinha vestido outras atrizes estrangeiras que chegaram ao Brasil, o que lhe conferia autoconfiança para tomar essa iniciativa. “Então, ela munida dessas credenciais, procurou-a, foi muito bem recebida. Joan Crawford foi ver a roupa da mamãe, gostou muito e encomendou um vestido lindo que a mamãe fez para ela em tempo recordíssimo,” disse Hildegard. Depois disso, Joan Crawford encomendou diversos outros vestidos a ela.

Além desse relacionamento profissional com as atrizes, desenvolveu-se uma amizade entre elas, o que foi particularmente interessante nesse momento, pois Zuzu Angel estava começando a visar ao mercado americano. A coleção do ano anterior – *Fashion and Freedom* – com título em inglês talvez já pudesse ser considerada um prenúncio da sua intenção de se lançar no mercado americano. “Ela sempre teve o sonho de fazer América,” segundo Hildegard.



Figura 1 -- Kim Novak veste *caftans* no ateliê de Zuzu Angel

A partir de seu desfile no 2º Salão de Moda da Feira Brasileira do Atlântico, no Pavilhão de São Cristóvão, no Rio, Zuzu começou a ganhar espaço na mídia. Lá, ela apresentou 30 modelos que, de acordo com Nina Chaves, chamaram atenção para a “Etiquêta nova chamada Zuzu” (*O Globo*, 28 de junho de 1966).

Uma faceta profissional de Zuzu, menos conhecida, é como figurinista. O filme *Todas as mulheres do mundo*, de 1967, tem figurinos de algumas de suas atrizes, entre elas suas filhas, desenhados por Zuzu (*Tribuna da Imprensa*, 23 de fevereiro de 1967). Entre outros figurinos criados por ela, estão os das peças *Marido, matriz e filial*, dirigida por Aderbal Junior; *Freud explica*; e *Vivendo em cima da árvore*, dirigidas por Ziembinski.

Em 1968, o general Costa e Silva assumiu a presidência, e Zuzu Angel, que vestira anteriormente a primeira-dama D. Sarah Kubitschek, passou a ser uma das responsáveis por vestir a primeira-dama D. Yolanda Costa e Silva. Atender a primeira-dama era positivo para sua carreira, pois era um aval de qualidade para as suas criações, o que atraía novas clientes. Além disso, segundo Hildegard, sua mãe via a aproximação com a primeira-dama, como uma espécie de segurança para o filho Stuart que já estava na militância contra o regime da ditadura militar. No entanto esse relacionamento não evitou a prisão de Stuart, sobretudo porque quando esta aconteceu, Costa e Silva não era mais o presidente.

No mesmo ano, em abril, ela desfilou na Feira de San Antonio, no Texas. Foi quando começou a tentar tornar o sonho de se lançar na América uma realidade. Nesse momento, ainda sem muita abertura profissional, sua inserção se dava de maneira incipiente.

Pouco depois, Zuzu Angel realizava desfiles mensais em sua casa-ateliê para apresentar suas coleções *prêt-à-porter* como a coleção Pastoral (figura 2), lançada em agosto de 1970. Na mesma ocasião, a *designer* preparava sua primeira coleção a ser lançada em Nova York, na loja de departamentos *Bergdorf Goodman*. Nos meses que antecederam o desfile muitas reportagens no Brasil comentaram o evento.



Figura 2 -- Saia em *patchwork* com miniblusa em algodão xadrez, longo com bolero em babados e vestido em comprimento midi com manga bufante. Todos os tecidos da fábrica Dona Isabel

A carreira internacional

Em dezembro de 1968, o Conselho Nacional de Mulheres entregou, em uma solenidade realizada no Itamarati, diplomas para as dez mulheres que mais se destacaram no ano, e Zuzu Angel foi uma dessas; com Raquel de Queirós em literatura; e Bibi Ferreira, por sua atuação em TV (*Jornal do Brasil*, 27 de dezembro de 1968). Foram selecionadas mulheres que apresentavam em seus respectivos setores de atuação uma contribuição ao progresso brasileiro, com o objetivo de ressaltar a importância da integração da mulher nesse processo de desenvolvimento do país.

Em 1969, Zuzu Angel passou a fazer parte do *Fashion Group*, uma organização com sede em Nova York, que foi fundada por um grupo de mulheres, em 1928. A princípio, a organização só aceitava mulheres como participantes e, hoje, possui mais de seis mil membros entre homens e mulheres. Desde o início, entre seus objetivos, visava promover o desenvolvimento profissional de seus membros e o reconhecimento das conquistas femininas nos negócios de moda. Sua aceitação por essa organização, ainda mais sendo a única na América Latina a integrá-la (*Jornal Nacional*, 28 de maio de 1972), foi um importante passo

em direção à consagração de sua carreira nos EUA. Ao mesmo tempo, estava de acordo com sua intenção de valorizar o trabalho das mulheres brasileiras na indústria da moda, como tantas vezes declarou.

Também por essa razão, nesse mesmo ano, passou a integrar o *International Council of Women* e declarou para o *Jornal do Brasil* que: “O caminho para a libertação da mulher está na negação da própria moda que a escraviza.” (*Jornal do Brasil*, 31 de janeiro de 1969). O *Correio da Manhã* publicou que Zuzu Angel manifestou sua solidariedade ao movimento iniciado nos Estados Unidos contra o “*vestígio da escravidão feminina*”, como “os concursos de beleza, que transformaram a mulher em mercadoria, e a cinta e o soutien que limitam a liberdade de movimentos.” Nessa mesma matéria, ela declarou que “esta ânsia de liberdade não parte somente das mulheres, mas é geral [...] Trata-se do nosso próprio tempo que procura se libertar do convencionalismo e do preconceito.” (*Correio da Manhã*, 22 de janeiro de 1969). De fato, o feminismo era apenas um dos movimentos que representavam as minorias e que estavam em voga naquele momento colocando em questão os rígidos padrões que regiam a sociedade.

Em maio de 1970, Zuzu chegou de uma viagem a Paris e Nova York, durante a qual, segundo o jornal *O Globo*, assistiu a desfiles de alta-costura e *prêt-à-porter*, bem como realizou pesquisas de mercado. Nessa mesma matéria, quando questionada sobre a influência francesa na moda, ela respondeu: “Não acredito em moda nenhuma sem influência francesa. Fique claro que influência não é sinônimo de cópia. No sentido criativo, a França ainda manda na moda. Em termos de industrialização, os Estados Unidos é que mandam.” (*O Globo*, 23 de maio de 1970).

A sua primeira coleção lançada nos EUA, previamente tão anunciada, finalmente, foi apresentada em 16 de novembro de 1970, e foi chamada de *International Dateline Collection I*. Para assessorá-la, nos EUA, contratou Lisa Curtis como consultora e assessora de imprensa. Em parceria, elas escolheram o nome dessa coleção: *International Dateline*, que se traduz Linha Internacional da Data. Este é o nome do meridiano de 180°, a linha imaginária que divide os dois lados do globo, uma convenção internacional que determina a mudança de data. Seja qual for a data a oeste da Linha, a leste está no dia anterior. A escolha desse nome

pretendia remeter a uma moda sem fronteiras, que poderia ser usada em qualquer parte do mundo (*Revista Manchete*, 1971).

O *press release* descrevia a coleção em três partes: um grupo inspirado nas baianas, outro no casal Lampião e Maria Bonita e o terceiro nas rendeiras. (figuras 3, 4 e 5) O grupo das baianas representava a mulher que se tornou inesquecível, graças à Carmen Miranda. Em seus depoimentos, Zuzu Angel disse que não buscou a inspiração diretamente em Carmen, mas que como a atriz se vestia no estilo da Bahia, que a *designer* considerava o único estilo nativo brasileiro, então, "naturalmente", houve analogia com sua indumentária. Ainda segundo Zuzu (*Palm Beach Daily News*, 1970), Carmen exagerava na caracterização, mas as referências teriam sido empregadas com bom gosto, o que de fato foi observado pelas diversas críticas, sempre elogiosas, publicadas nos EUA.

O casal Lampião e Maria Bonita que inspirou o segundo grupo foi descrito no *press release* como espécie de bandidos dos anos 20 que poderiam ser comparados a Robin Hood, mas algumas publicações preferiram fazer essa comparação com *Bonnie and Clyde*, criminosos americanos cuja vida virou filme em 1967 e, portanto, referência mais contemporânea. Esse filme teve enorme repercussão e por sua influência os anos 30 tornaram-se tendência de moda naquele momento.

O grupo das rendeiras foi tema para os vestidos de noiva com aplicações de rendas artesanais únicas. O desfile transcorreu ao som de músicas brasileiras como as de Martinho da Vila e folclóricas como *Mulher rendeira*. Foi aberto com um breve discurso do Andrew Goodman, dono da *Bergdorf Goodman* e conforme cada grupo entrava na passarela, Lisa Curtis os apresentava.



Figura 3 -- Modelos do grupo inspirado nas baianas



Figura 4 -- Modelo inspirado em Lampião e Maria Bonita; biquíni com saída de praia; e *palazzo-pijama* em seda



Figura 5 -- Vestido longo, feito com toalha de mesa de renda bordada; vestido em *patchwork* de rendas; vestido de noiva em renda renascença, envolvido por viés salpicado de pedras

Nas primeiras três semanas que as roupas ficaram em exposição na *Bergdorf Goodman*, foram vendidos mais de mil modelos. Zuzu Angel recebeu uma carta dos donos do magazine agradecendo as flores recebidas e, também, comentando o sucesso de vendas da coleção. Tal sucesso a estimulou a implementar nova estratégia de exposição que dava a clientes de outras lojas dos EUA acesso aos seus lançamentos. Entre 25 janeiro e 6 de fevereiro de 1971, a *International Dateline Collection II* ficou exposta no Gotham Hotel, em Nova York. Esse hotel era conhecido por hospedar agentes do campo da moda e que promoviam eventos do mesmo tipo. Este espaço representava a escolha ideal para a realização de suas exposições, pois já era parte do roteiro de lançamentos de moda. Zuzu reservava uma suíte e agendava visitas dos compradores e jornalistas, e durante o dia havia pequenos desfiles. Essa coleção foi um desdobramento da *International Dateline Collection I*, que continuava a ser exposta na *Bergdorf Goodman*. Com essa iniciativa, ela passou a vender para a cadeia de lojas *Neiman Marcus*. Com o surgimento de novas encomendas, Zuzu Angel montou, nos EUA, um escritório para cuidar de seus negócios naquele país.

Quando Zuzu Angel começou a fazer sucesso nos EUA, algumas reportagens brasileiras passaram a empregar o termo *design* para se referir à sua atividade. Essa expressão

comumente empregada nos EUA ainda não era muito utilizada no Brasil, que a empregava apenas em relação ao *design* gráfico ou de produto. O projeto de criação e desenvolvimento de artigos de moda era visto como algo à parte do campo do *design* no país. Uma matéria no *Curvelo Notícias* perguntou se ela não se considerava uma modista ou figurinista, e ela respondeu: "Sou uma 'designer'. Esta palavra não tem, no sentido figurativo da língua inglesa, nenhuma tradução em português. Um designer engloba o modista, o figurinista e o costureiro. O 'designer' é tudo." (*Curvelo Notícias*, dezembro, 1971). Diferente do trabalho da modista que se define mais pela execução artesanal por meio do domínio de uma técnica de manufatura ou do trabalho do figurinista², entendido como uma concepção artística e mais guiado pela inspiração, Zuzu se definia pertencendo a outra categoria profissional, a do *designer*³. Ela possivelmente se via como uma espécie de diretora de operações, com controle direto de algumas fases do processo de produção da roupa, e em outras exercendo supervisão.

Ao analisarmos a atuação de Zuzu Angel diante de sua marca e sua linha produtiva, construindo e gerenciando a identidade visual aplicada não só aos produtos de moda, mas a todos os itens de exposição da marca, fica claro que ela deve ser entendida e estudada como *designer*. Segundo Rafael Cardoso Denis, a natureza do trabalho de *design* se pauta "na maneira em que os processos de *design* incidem sobre os seus produtos, investindo-os de significados alheios à sua natureza intrínseca." (Denis, 1998, p. 17). Notamos que a marca de Zuzu Angel se consolidou com uma linguagem gráfica integrada e um estilo identificável. Isso demonstra que ela possuía metodologia de projeto, uma das características que definem o trabalho do *designer*.

Uma matéria americana observou que Zuzu Angel era provavelmente a única *designer* de moda no Brasil que entendia a importância da mídia. (*Times of Brazil*, 6 de setembro de 1970). Ela sempre dedicou grande atenção à identidade visual da marca, o que, certamente, pode ter sido intensificado pelo seu convívio com o mercado americano, em que tal preocupação já era prática assimilada e difundida.

Moda e política

No dia 13 de setembro de 1971 (ano da morte de seu filho), foi lançada a *International Dateline Collection III – Holiday and Resort* com um desfile na residência do cônsul do Brasil em Nova York, Lauro Soutello Alves, e ao longo da semana, a coleção ficou exposta no *Gotham Hotel*. Esse desfile (figura 6) é considerado um marco na trajetória profissional de Zuzu Angel, pois foi quando ela lançou sua moda de protesto. Nesse dia, ela apareceu pela primeira vez com a indumentária que simbolizava seu luto pelo filho. Com o mesmo propósito muitos vestidos apresentados, mesmo os mais alegres e coloridos, tinham uma faixa preta amarada no braço. Ela estava usando um vestido preto longo, com um dramático véu, um cinto decorado com 100 pequenos crucifixos e no pescoço um pingente de um anjo branco em porcelana (*Chicago Tribune*, 20 de setembro de 1971). Esse repertório simbólico do luto é o suporte visual de uma espécie de personagem incorporada por Zuzu Angel. Desse dia em diante, ela se caracterizaria assim sempre que estivesse presente em eventos e locais onde poderia chamar a atenção de autoridades para denunciar a morte de Stuart.



Figura 6 -- Zuzu Angel de luto com duas manequins com vestidos de renda e, ao lado, modelo que mistura xadrezes com a faixa preta presa ao braço

A coleção não era inteiramente dedicada ao protesto, como podemos deduzir pelo seu

subtítulo: *Holiday and Resort*. Ela estava dividida em duas partes. Na primeira, *Resort*, as roupas descontraídas para as viagens, para as mulheres que estavam de férias ou a lazer. Confeccionadas em Polybel da fábrica Dona Isabel, as roupas como os *shorts* sob vestes e as saias-envelopes formavam *looks* descontraídos e práticos. Na segunda parte, *Holiday*, as roupas para ocasiões especiais, que eram os vestidos esvoaçantes em sedas e organzas da fábrica Werner e organdies Terylene da fábrica Dona Isabel.

Por último, o desfile apresentou as roupas de protesto. Vestidos brancos com modelagem ampla, e bordados com desenhos singelos como os de anjos, crianças, soldados, pássaros, auréolas, pombas e gaiolas. Ao final, a filha mais nova de Zuzu, Ana Cristina, cantou a música *Tristeza*, que diz “quero voltar àquela vida de alegria”. Zuzu dizia que criar moda para ela era a completa felicidade, mas nesse desfile não havia espaço para esse sentimento. Ponto observado pelo *Chicago Tribune* que comentou: “*Protestos através da moda são bastante raros e raramente obtêm sucesso. O trabalho de moda fala mais claramente sobre a felicidade.*” (*Chicago Tribune*, 20 de setembro de 1971).

Nos EUA, a agência de notícias *Associated Press* divulgou uma reportagem sobre o desfile que apareceu em muitos jornais americanos. Essas matérias relataram o conteúdo político do desfile e chamaram atenção para o sofrimento de Zuzu Angel (Green, 2004). Paralelamente, no Brasil, sob forte repressão comandada pelo governo militar Médici, a rígida censura imposta aos meios de comunicação brasileiros obrigava a imprensa a ignorar a mensagem de que ela desejava transmitir com essa coleção que chamou de “*a primeira coleção de moda política do mundo.*” (*The Montreal Star*, 15 de setembro de 1971) (figura 7).

posteriormente do *prêt-à-porter* passaram a diversificar seus produtos e introduzir “linhas de difusão altamente lucrativas”, como as de perfumes. Possuir um perfume com o nome Zuzu Angel no rótulo significaria maior divulgação para a marca e, a isso, associaria qualidade, pois apenas grifes consagradas possuíam suas próprias linhas de perfumes.



Figura 8 -- Sacola de papel, caixa de presente, fitas e etiquetas da marca Zuzu Angel



Figura 9 -- Dois modelos de cartões de visita de Zuzu Angel



Figura 10 -- Estampas com o nome Zuzu



Figura 11 -- Vestido longo em algodão com estampa de pássaros e, ao lado, *layout* da estampa e amostra do tecido estampado em verde



Figura 12 -- Vestido longo em algodão com estampa de pássaros e, ao lado, *layout* da estampa

Em janeiro de 1972, foi lançada a *International Dateline Collection IV – The Helpless Angel* (O anjo desamparado), outra vez no Gotham Hotel, em Nova York. Nessa coleção, ela utilizou muitos tecidos de padronagem xadrez e ainda os bordados de anjos e outros desenhos da “moda política” (figuras 13 e 14). A imprensa brasileira continuava descrevendo os bordados como simples detalhes de livros infantis. O uso do xadrez e dos desenhos *naïf* era associado à menina ingênua do interior (*Correio da Manhã*, 26 e 27 de março de 1972).



Figura 13 -- Dois modelos de vestidos da coleção “moda política”



Figura 14 -- Bordados empregados na coleção “moda política”

Uma das modelos que desfilou e fotografou para o lançamento da coleção foi Kathy Lindsay (figuras 15 e 16), filha de John Lindsay, prefeito de Nova York que, naquele momento, estava em plena campanha para a presidência dos EUA (*O Jornal*, s/d., 1972). A escolha era interessante para todos, pois colocava os três envolvidos em evidência. De forma simplificada, ficava implícito que Zuzu Angel era bem-vinda na cidade, pois a filha do prefeito aceitara ser sua modelo; o prefeito era um “liberal” que não fazia restrições à carreira da filha

e apoiava a inserção profissional de uma estrangeira; e a modelo tinha a sua imagem associada a uma marca que começava a conquistar destaque.



Figura 15 -- Kathy Lindsay com um vestido em algodão com estampa de anjos e, ao lado, mostruário da fábrica Dona Isabel com as duas variantes de cor da mesma estampa

O *Fashion Calender*, de 1972, publicou o nome de Zuzu Angel ao lado de Givenchy, Dior e Saint Laurent (*Jornal Nacional*, 28 de maio de 1972). A publicação semanal que lista eventos de moda é uma espécie de “*Who’s Who*” do campo da moda mundial. No mesmo ano, pela segunda vez, uma roupa de Zuzu Angel venceu o concurso do *Cotton Ball* (Baile do Algodão), no hotel Waldorf Astoria (*O Globo*, 25 de março de 1972). Quem vestia a etiqueta era a publicitária Amélie Bassin, que desenvolveu com Zuzu Angel o projeto para o perfume que ela pretendia lançar. Naquela ocasião, as duas se tornaram amigas, o que representava um contato interessante para a *designer*. Nesse ano, Amélie Bassin havia sido eleita a mulher publicitária do ano nos EUA. Ela era responsável, entre outros projetos, pelas campanhas e lançamentos de todos os produtos da marca de cosméticos *Fabergé*, em destaque na época.



Figura 16 -- Zuzu Angel e Kathy Lindsay em Nova York, em frente a uma vitrine de divulgação da coleção e, ao lado, Kathy Lindsay com saia longa xadrez e blusa com o anjo bordado

Nos EUA, as vendas de Zuzu cresciam e seus produtos podiam ser encontrados na *Bergdorf Goodman*, *Neiman Marcus*, *Lord and Taylor*, *International Sportwear Department* e, também, em outras grandes lojas do Texas, Flórida, Massachusetts, Illinois, Chicago e Canadá (*Correio da Manhã*, 26 e 27 de março de 1972).

A *designer* se mantinha fiel ao uso exclusivo de materiais brasileiros. Todos os tecidos que usava eram fabricados pela Dona Isabel, no Rio de Janeiro, e pela Werner, em Petrópolis, além das rendas artesanais da Bahia e do Ceará.

Um artigo publicado em um boletim do *Fashion Group* descreveu Zuzu Angel como a melhor “Embaixada da Amizade” que o Brasil poderia ter, pois não só interpretava os temas étnicos e folclóricos, como também divulgava os tecidos e o artesanato brasileiros em todo o mundo (*Correio da Manhã*, 26 e 27 de março de 1972).

No Brasil, os negócios também se ampliavam. Em 1973, Zuzu Angel inaugurou sua loja no Leblon, por onde passaram clientes famosas como a atriz Liza Minelli. Próxima a ela ficava a *Bijoux Box*, de sua amiga e vizinha, Ethel Moura Costa. Um tempo depois, a loja *Richard’s* foi inaugurada também no Leblon, mas naquele momento, essas eram quase as únicas opções

desse tipo de comércio no bairro ainda pouco movimentado.

O projeto de decoração da loja – de Ana Maria de Carvalho. (*Diário de Notícias*, 19 de julho de 1974) – foi bastante elaborado e levou meses para ficar pronto (figura 17). O espaço foi decorado com prateleiras de acrílico, sofá de couro, cadeiras de vime e uma foto de Zuzu Angel em preto e branco, ampliada em tamanho natural, disposta entre nuvens de acrílico penduradas do teto. Os anjinhos estavam em toda parte: no estofado das cadeiras, nos tecidos das almofadas, ornamentando a porta da cabine de prova e na fachada em um letreiro em néon. Com a loja, Zuzu Angel teve a oportunidade de diversificar ainda mais a sua linha de produtos, pois a exposição e a visão do conjunto foram facilitadas. Além das roupas, passou a oferecer camisetas estampadas, lenços em algodão, diferentes acessórios todos “logotipados”, roupas de dormir e *lingeries* (figuras 18-26). Esse cuidado com a unidade visual dos produtos e o desenho do logotipo em harmonia com a decoração da loja caracteriza a clara noção projetual de uma *designer*. Essa atitude significava uma ação global de homogeneização e coordenação de todas as partes, o que reforçava a identidade dos produtos à marca. Essa prática profissional, em certo sentido uma nova concepção cosmológica em relação ao produto industrial, já era habitual no exterior, mas no Brasil ainda estava se sedimentando para finalmente tornar-se comum na década de 1980.



Figura 17 -- Zuzu Angel

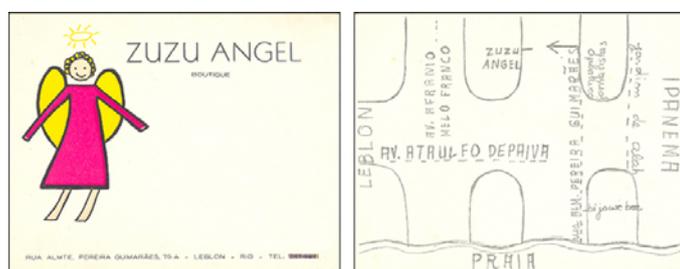


Figura 18 -- Frente e verso do cartão de visita da loja em frente à sua loja

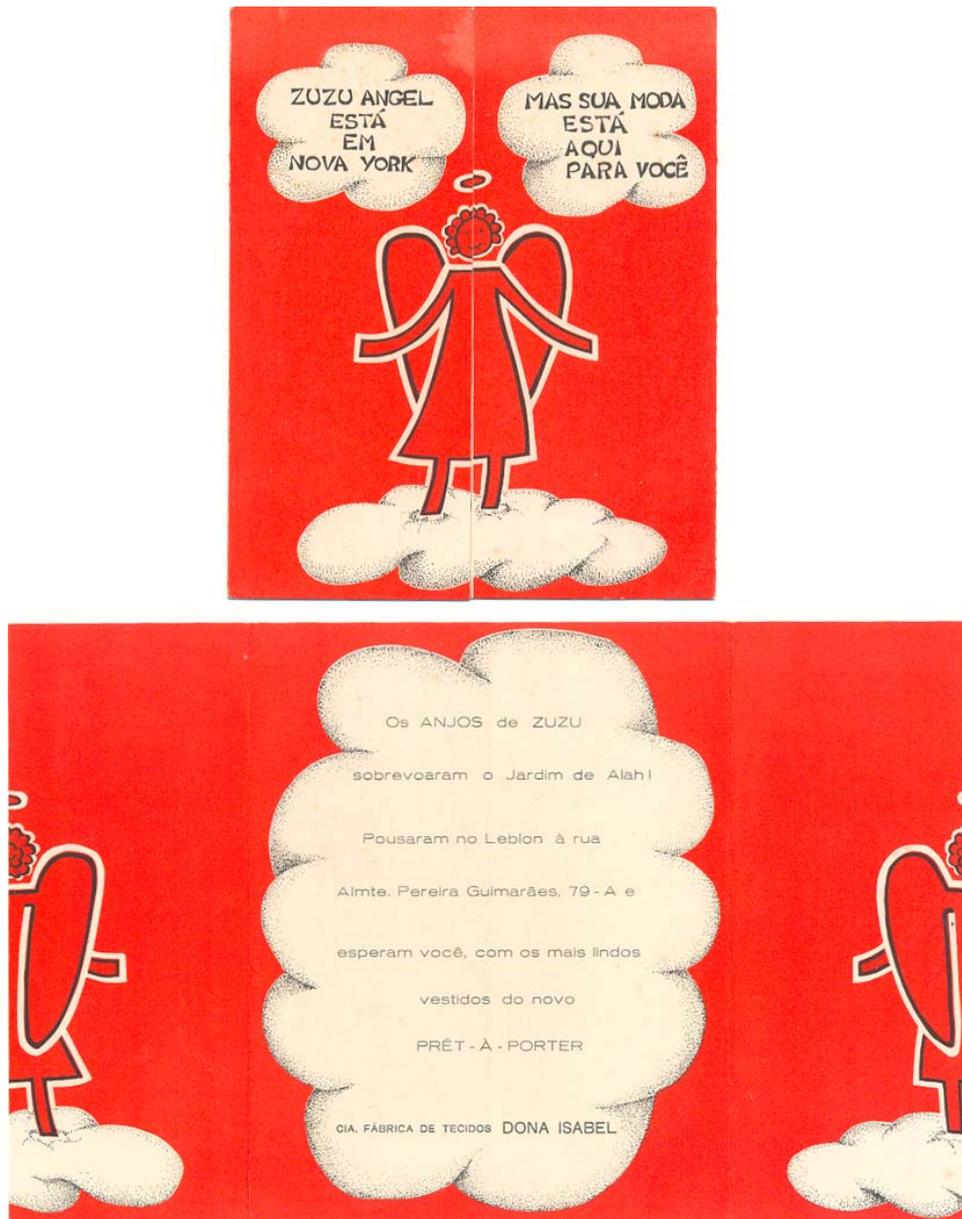


Figura 19 -- Convite comunicando o endereço da loja de Zuzu Angel, no Leblon



Figura 20 -- Lenço em algodão e variantes de cor



Figura 21 -- Acessórios da marca



Figura 22 -- Interior da loja



Figura 23 -- Liza Minelli na loja de Zuzu Angel e, ao lado, vestindo uma camisa da marca



Figura 24 -- Bolsas com estampas de anjos em algodão trabalhado em matelassê



Figura 25 -- Bolsas em lona com estampa de anjos e detalhes em couro



Figura 26 -- Hildegard Angel em foto de divulgação que apresenta a linha de bolsas em lona com estampa de anjos e detalhes em couro

Depois de lançar quatro coleções no EUA, em 1973, o lançamento da *International Dateline Collection V* foi realizado primeiro no Brasil e, posteriormente, em Nova York. Da mesma forma como acontecia nos seus lançamentos no Gotham Hotel, a imprensa especializada recebeu convites para conhecer a coleção e fotografar as manequins que estariam em seu ateliê. Zuzu Angel disse que já tinha visto as americanas nas ruas com suas roupas e queria ver a mesma coisa no Brasil. O *press release* da coleção a defendia das críticas que a acusavam de estar americanizada: "Dizem que Zuzu anda americanizada, por isso ela dá uma de brasileira: lança no mercado brasileiro a sua nova Coleção." Ao mesmo tempo, deixava explícita a sua percepção sobre as novas necessidades de seu público consumidor, o que, ao mesmo tempo, poderia impulsionar suas vendas.

Nesta coleção, Zuzu, mais uma vez, rompe com o estabelecido e deixa de pensar nas estações e no convencional, para pensar na vida da 'NOVA MULHER'. 'Eu estou mudando a minha moda para a nova mulher brasileira. Na década de 60 era importante vender para as mulheres do 'establishment', mas a década de 70 trouxe uma 'NOVA MULHER'.

Aquela que sai profissionalmente, a mulher que tem uma nova dimensão da vida, a mulher que realmente acredita no que diz. [...] (press release International Dateline Collection V)

A coleção foi dividida em dois grupos. No primeiro, conjuntos e vestidos práticos, de roupas para o dia a dia e em diversos comprimentos, muitas cores vivas e misturas de estampas. No segundo, as roupas para o *holiday*, para ocasiões especiais, vestidos longos ou curtos e sempre “femininos” e, também, diversos modelos de vestidos de noiva, porque “as moças ainda se casam”.

Em 1973, lançou a *Dateline Collection VI*, chamada Filha e Mãe. As fotos de divulgação da coleção mostravam mulheres do *jet-set* como Solange Aleixo de Andrade e sua mãe Heloisa Aleixo Lustosa de Andrade, ou Marilu, e sua mãe Gisela Pitanguy (figura 27). Para as filhas “os modelos são longos, arrojados e audaciosos” e para as mães, são “jovens, ingênuos, bem comportados.” “Para ambos são dispensados as peças incômodas de *lingerie*, pois os *bustiers* e blusas de Zuzu têm cortes e pences que fazem efeito do *soutien*, modelando e sustentando o busto.” (*Jornal do Brasil*, 3 a 9 de fevereiro de 1973). Havia muitas estampas inspiradas em pássaros e frutas tropicais e os anjos com um desenho que remetia a vitrais de igrejas (figura 28).



Figura 27 -- Marilu e Gisela Pitanguy com modelos da coleção Mãe e Filha em tecidos com estampas de papagaios e, ao lado, mostruário com as variantes de cores das estampas



Figura 28 -- Amostra do tecido estampado pela fábrica Dona Isabel com a orelha que identifica a coleção e, ao lado, mostruário das variantes de cor da estampa inspirada nos vitrais

A *Dateline Collection VII – Contemporary Classic* foi lançada no Rio de Janeiro, em julho, e em Nova York, em setembro de 1974, apresentada como “o clássico atualizado, que significa não uma volta ao passado, mas uma volta ao bom gosto.” (Estado de Minas, 28 de julho de 1974). Diversificando a linha de produtos, a coleção possuía diferentes camisolas em estampas de anjos. No desfile de lançamento realizado na loja do Leblon, uma das modelos a desfilou foi Elke⁴, que passava jogando almofadas estampadas com ajinhas no colo das clientes. (Diário de Notícias, 19 de julho de 1974).

Em setembro de 1975, foi lançada a Coleção Brazilian Butterfly, que trazia, além das tradicionais variações de estampas com os anjinhos, também muitas estampas de borboletas e flores (figura 29).



Figura 29 -- Vestido *chemisier* em algodão com estampa de flores e borboletas e, ao lado, amostra de detalhe da estampa

Conclusão

Podemos afirmar que a carreira de Zuzu Angel se divide em duas fases. Na primeira, quando ela teve a intenção de produzir uma moda brasileira, a maior novidade para o campo foi a aplicação de técnicas artesanais e materiais consideradas, até aquele momento, indignas de uma produção de qualidade. Com relação às modelagens, as criações não apresentaram grandes novidades. No seu método projetual, notamos, no entanto, que ela se valeu de imagens míticas, consideradas representativas da identidade brasileira e transpôs suas características formais para os modelos desenvolvidos.

O reconhecimento de sua assinatura consagrada no Brasil e no exterior, aliado ao planejamento e divulgação de uma identidade visual forte e coerente, fez com que a elite aceitasse pagar um custo elevado por seus produtos que mesclavam materiais nobres e artesanais.

Posteriormente, com o desaparecimento e assassinato do filho, ficou clara a mudança

na metodologia empregada pela *designer*. Nesse momento de confronto com a realidade cruel, e tendo que driblar a censura, ela inaugurou a moda política. Zuzu, que até então parecia caminhar em total consonância com a estrutura social, pois produzia para a elite, viu-se obrigada a tomar uma posição contrária à ideologia da classe dominante. Sua coleção refletiu sobre o momento político brasileiro e apresentou um repertório cujo significado aparente era de uma moda “inocente”, mas que, analisada levando em consideração sua inserção no contexto e a situação por ela vivenciada, é entendida como denúncia ou protesto. Nesse momento, seu engajamento político fica explícito.

No entanto, na primeira fase, sua produção também reflete posicionamento crítico e consciente. Suas preocupações consideravam a imagem da mulher, a valorização do trabalho artesanal feminino e a representação da identidade brasileira. Em relação a esse último objetivo, ele esteve até muito mais presente no segundo momento.

Tanto pela atuação profissional de Zuzu quanto por seus depoimentos, é possível perceber como ela acompanhava as transformações que se processavam no campo da moda e buscava implementar essas mudanças na sua produção. A pesquisa mostrou que o sucesso da trajetória profissional de Zuzu Angel foi resultante de sua vivência, formação e inserção na estrutura do campo fenomenal da moda de sua época, e como, ao mesmo tempo, as motivações e iniciativas pessoais definiram os rumos de sua carreira.

No âmbito cultural, as décadas de 1960 e 1970 foram preenchidas pelos movimentos da contracultura e por suas manifestações em diferentes campos de produção de bens simbólicos. No início da década de 1960, começou a se formar a estética pós-moderna, e as múltiplas manifestações ideológicas com avanços tecnológicos acabaram por operar uma revolução no sistema de moda (Lipovetsky, 1989). Antes regida exclusivamente pela vontade de legitimados criadores de alta-costura, a moda passa a ser cada vez mais plural. Diferentes fontes de inspiração se tornaram válidas, mesmo aquelas cuja referência é o sujo, o mal e o tosco. A antimoda passa a ser moda, permitindo a coexistência de diversos estilos e experimentos.

A partir desta reflexão, podemos perceber que o ponto mais importante da trajetória de Zuzu Angel foi ter agregado ao mito tradicional do estilista, vigente até os anos 60, aquele

que se inspira no belo para conferir elegância e *status*, a novidade de buscar inspiração na tragédia.

NOTAS

1. Sobre o conceito contemporâneo de mito, ver: BARTHES, *Mitologias*, 1999.
2. O termo figurista denominava o que hoje entendemos por estilista.
3. Sobre o conceito de *designer*, ver: Denis, *Design, cultura material e fetichismos dos objetos*, 1998, p. 17.
4. Elke depois se tornou mais conhecida pelo apelido Elke Maravilha.

Referências

Periódicos

Ah! Os anjinhos! *O Jornal. Você*. Rio de Janeiro, 10 a 16 de fevereiro de 1972, pp. 4-5.

Another brazilian designer remembers Carmen Miranda. *Palm Beach Daily News*. Wednesday, November 18, 1970, p. 2.

Brasileira Zuzu Angel... *O Globo*. Sábado, 25 de março de 1972.

CHAVES, Nina. *Zuzu desfilou...* *O Globo*. Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1966.

Com muitos anjos conquistou Nova York. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 26 e segunda-feira, 27 de março de 1972.

Conselho de mulheres dá diploma às que mais se destacaram em 1968. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, sexta-feira, 27 de dezembro de 1968.

Etiqueta nova chamada Zuzu. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1966.

Eu sou a moda brasileira. *Jornal Nacional*. Corpo & Roupas. Domingo, 28 de maio de 1972.

FARIAS, Celina de. Ela acaba de chegar dos Estados Unidos... *O Jornal*. A mulher em destaque. Rio de Janeiro. [s/d-1972].

FARIAS, Celina de. Ela, Kathy Lindsay... *O Jornal*. A mulher em destaque. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1971, p. 2.

Fashion takes political turn. *Fort Lauderdale News*. California, Saturday, September 25, 1971.

Filha e mãe International Dateline Collection VI. Gil Brandão. *Jornal do Brasil*, Caderno B. Rio

de Janeiro, 3 a 9 de fevereiro de 1973, p. 9.

Fique sabendo que é uma certa Zuzu Angel. *Curvelo Notícias*. Ano XIII, no. 67. Curvelo, dezembro, 1971, p. 16.

Kim e o caftan... *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1967.

Media understood. *Times of Brazil*. Sunday, september 6, 1970.

Nossa moda conquista o mundo. *Revista Manchete*. Ano 18. n. 987. Rio e Janeiro, 20 de março de 1971.

Once Zuzu, always Zuzu. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1970.

Politics and fashion mix. *The Home New*. New Jersey. Tuesday, September 14, 1971.

"Todas as mulheres do mundo" se vestem assim... *Tribuna da Imprensa*. 2º Caderno. Rio de Janeiro, 23 fev. 1967, p. 2.

Zuzu Angel atualiza o clássico e cria uma nova mulher. *Estado de Minas. Caderno Feminino*. Belo Horizonte, 28 de julho de 1974.

Zuzu Angel, desfile ao som de Tico-tico no fubá. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, sexta-feira, 19 de julho de 1974, p.15.

Zuzu Angel diz que mulher é escrava da moda. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1969.

Zuzu Angel e sua passarinhada. *O Globo*. Rio de Janeiro, quarta-feira, 22 de setembro de 1971, p. 3.

Zuzu não aceita a moda rígida que tolhe o movimento. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, quarta-feira, 22 de janeiro de 1969.

Zuzu Angel: "eu estou sempre iniciando". *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 de maio de 1970.

Zuzu Angel, the vivacious Brazilian designer... *Chicago Tribune*, Monday, September 20, 1971.

Livros

BARTHES, Roland (1999). *Mitologias*. Rio de Janeiro, Bertrand.

BOURDIEU, Pierre (2002). "A ilusão biográfica". In: *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV.

_____. (2004). "O costureiro e sua grife: contribuição pra uma teoria da magia". In: *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo, Zouk.

_____. (1974). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.

_____. (2002). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand.

CASTRO, Mayra Corrêa (1995-1996). Feminismo Prêt-à-porter -significação da aparência da imprensa feminina e feminista do Brasil. *Cadernos AEL*, n. 3/4.

CASTRO, Ruy (1999). *Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema*. São Paulo, Companhia das Letras.

CUNHA, K. C. & CUNHA, C. (org.) (2005). *Moda Brasil: fragmentos de um vestir tropical*. São Paulo, Editora Anhembi Morumbi.

DIAS, Lucy (2003). *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo, Editora Senac São Paulo.

DENIS, Rafael Cardoso (1998). "Design, cultura material e fetichismos dos objetos." In: ARCOS, *Design, cultura material e visualidade*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Design Escola Superior de Desenho Industrial. Rio de Janeiro, Vol. 1, número único, 14-39, outubro de 1998.

_____. (2000). *Uma introdução à história do design*. São Paulo, Edgar Blücher .

ELIAS, Norbert (1995). *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

GONTIJO, Silvana (1987). *80 anos de moda no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

GREEN, N. James (2004). Desfiles de moda e espetáculos na Broadway: representando a oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos nos anos 1970. In: 1964-2004: *Ditadura militar e resistência no Brasil*. Rio de Janeiro, 7 Letras.

HAYE, Amy de la e MENDES, Valerie (2003). *A moda do século XX*. São Paulo, Martins Fontes.

LIPOVETSKY, Gilles (1989). *O império de efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letras.

MARQUES, Dayse (1998). *Zuzu Angel: a identidade cultural brasileira através da moda*. Dissertação de mestrado em história da arte. UFRJ-EBA. Rio de Janeiro, [s. n.].

RODRIGUES, Iesa (1994). *O Rio que virou moda*. Rio de Janeiro, Memória Brasil.

STUDART, Heloneida (1981). *O estandarte da agonia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

VALLI, Virginia (1987). *Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho*. Rio de Janeiro, Record.

Outros

Caso Zuzu Angel. Episódio do programa *Linha Direta*, exibido pela Rede Globo em 27 de novembro de 2003.

Discurso de apresentação da *International Dateline Collection I*. Acervo do Instituto Zuzu Angel.

Press release da International Dateline Collection I. Acervo do Instituto Zuzu Angel.

Press preview da International Dateline Collection III. Acervo do Instituto Zuzu Angel.

Press release da International Dateline Collection III. Acervo do Instituto Zuzu Angel.

Press release da International Dateline Collection V. Acervo do Instituto Zuzu Angel.

Zuzu Angel -- a força do anjo. Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro, 1996.

Zuzu Angel -- a força do anjo. Vídeo da exposição realizada no Museu Nacional de Belas Artes. BV1 -- Beto Santoro. Rio de Janeiro, 1996.

Zuzu Angel. Longa-metragem, Brasil, dirigido por Sérgio Rezende, 2006, 110 min., cor.

Data de recebimento: 25/11/2009

Data de aprovação: 17/01/2009